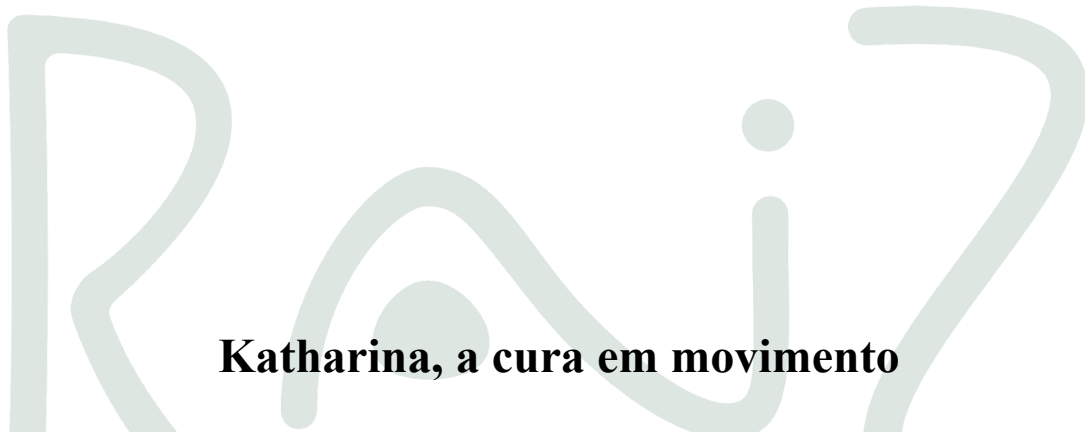


A reprodução desse artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos / partes, utilize CASSIANO, Fernanda de Stéfani. KATHARINA, A CURA EM MOVIMENTO. Susana Z.; ALMEIDA, Fabiana A.R.. **Revista Online**, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2019: Instituto Raiz, Clínica Escola de Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/_

INSTITUTO RAIZ
CLÍNICA ESCOLA DE PSICOLOGIA CORPORAL

FERNANDA DE STÉFANI CASSIANO



Katharina, a cura em movimento

RESUMO: Este trabalho apresenta uma releitura na visão Reichiana de um caso clínico atendido e descrito por Freud, passando por diversas questões que os aproximam e os distanciam em suas teorias, desde a filosofia vigente em cada abordagem até as noções de conceitos que ambos utilizam do mesmo significado. Não apenas com o objetivo de comprovar que a Psicologia traz diversos caminhos na Psicoterapia para a cura, mas também para divulgar e promover ainda mais, as técnicas estudadas e desenvolvidas por Wilhelm Reich conhecidas como Vegetoterapia e Orgonomia, comprovando assim, sua eficácia e evidenciando, afim de tornar mais didático, o caminho que essa psicoterapia percorre, reafirmando dessa maneira, a consistência da abordagem.

Palavra-chave: Psicoterapia corporal, resistência, couraça, neurose, conversão histérica, Reich, Freud, Psicanálise.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho será uma releitura de um dos casos de Sigmund Freud, feita através da abordagem de Wilhem Reich, que tem por objetivo difundir as informações sobre o trabalho Reichiano e as bases utilizadas para formação dos: conceitos, do desenvolvimento e da descrição das técnicas analíticas, de forma mais didática e acessível. Afim de se comprovar que a psicoterapia pode ter diversos caminhos para a cura.

Para uma melhor compreensão acerca das diferenças entre os autores é importante entender a origem da visão de cada um e em quais os pontos eles divergem. São muitos os temas que Reich e Freud discordam, antes de mais nada, cada um é representado por uma grande matriz filosófica diferente, a *hobbesiana* e a *rousseauuniana*, que colocam Freud e Reich, respectivamente, em campos opostos em tantos temas. É possível identificar isso desde a adesão de Reich à psicanálise, quando decidiu retomar a teoria da libido, já um tanto abandonada, e buscou investigá-la enquanto energia biológica concreta, passível mesmo de ser mensurada. Esse foi o primeiro passo de muitos na direção de uma terapêutica que tem como objetivo equilibrar o quantitativo da medicina com o qualitativo da Psicologia e que coloca a realização genital no centro das preocupações clínicas (Barreto, 2010).

Barreto (2010) afirma ainda que sustentar a realização das pulsões, afirmar uma sexualidade natural, considerar o corpo no setting terapêutico e idealizar uma sociedade mais saudável e livre, implicava, por parte de Reich, opor-se à matriz *hobbesiana* contida na teoria cultural de Freud e, assim, contrapor-se à uma concepção filosófica racionalista que vê a cultura como uma ascensão moral frente à incivilidade da natureza, e sugere a dominação das paixões humanas como condição para a sociabilidade e a política. É certo compreender que essas duas matrizes representam diferentes "concepções de mundo", o que, no limite, traduz o modo como cada autor relaciona-se com a vida e suas experiências.

Clinicamente, adotava-se o preceito, inicialmente postulado por Freud, de que a neurose seria o resultado de um conflito entre duas forças antagônicas, o desejo de

prazer (pulsão) e o medo de punição (moral social) em outras palavras, assumia-se a idéia de que a repressão produziria neurose. No entanto, Freud afirmava, na teoria cultural de Freud, que a repressão era fundamental para a cultura. Diante desse contexto, Reich vê duas *possibilidades*: ou Freud estava errado em sua teoria sobre a cultura, ou não haveria saída para o sofrimento humano, já que a repressão era necessária, embora produzisse neurose. Estaríamos, nesse caso, condenados à resignação (Barreto, 2010).

O segundo momento crítico da teoria da cultura de Freud foi após ele publicar "*Para além do princípio de prazer*", obra na qual reformula sua teoria pulsional e apresenta a idéia de uma pulsão de morte. Freud remetia o conflito psíquico, até então relacionado ao sentimento de culpa, para um confronto entre pulsões, Eros e Thanatos (pulsão de vida e morte respectivamente), tornando-o agora ontológico. Com isso, posicionava a destrutividade na própria natureza humana e, ao fazê-lo, impossibilitava, segundo Reich, qualquer possibilidade de uma cultura positiva. (Barreto, 2010).

A forte relação com a natureza, formação em ciências naturais, além, é claro, da aposta numa cultura mais saudável, colocam Reich em desacordo com a teoria cultural de Freud. Ele não aceita a concepção negativa para as pulsões, tampouco que a natureza concedesse aos homens um futuro tão trágico. Diante disto, Reich discorda com Freud, nem a repressão é condição para a cultura, nem a destrutividade é um atributo da natureza. Para comprovar sua teoria Reich parte para a contestação da teoria cultural de Freud, tendo como alvo suas duas pilstras centrais: a universalidade do complexo de Édipo e a pulsão de morte.

Ao buscar estruturas familiares em diferentes culturas, Reich mostra que o triângulo familiar no qual se dá o complexo edípico não é um estruturante universal, mas tão somente uma formação própria da sociedade patriarcal-autoritária, passível, portanto, de ser transformada.

No segundo caso, tomando por referência suas experiências clínicas, em especial o trabalho com masoquistas, Reich observa que o que Freud denomina pulsão de morte, não se trata de pulsão, mas de uma formação secundária, uma angústia que se interpõe entre a pulsão e o objetivo, resultante da ação da cultura repressiva e, por essa razão, desfiguradas de sua natureza original. Reich faz da natureza sua referência para criar sua

concepção de vida. As forças naturais (por exemplo, as pulsões) atuam pela e para a vida, jamais contra ela, sendo, portanto, antagônico à destrutividade outorgada por Freud. Em outras palavras, o mal, não é de originado da natureza, mas em outro campo, o campo da cultura, dos homens-em-relação. Quando a cultura confronta a natureza de modo impetuoso, acaba por degenerar suas forças, convertendo-as em anti-naturais, portanto, irracionais e anti-sociais, causando destruição e sofrimento. Reich utiliza a imagem de um rio que, uma vez obstruído em seu leito normal, transborda em suas margens, destruindo todo o que encontra à sua volta.

"É o que ocorre com a civilização racionalista/mecanicista, que assume sua forma mais elaborada na sociedade capitalista burguesa. Isso, porém, não se restringe ao capitalismo. Toda forma de organização humana que se constituir contra a natureza desembocará na mesma tragédia humana de sofrimento e destruição que vivemos sob o signo do capitalismo (crítica que Reich acaba estendendo ao regime soviético). Podemos, assim, estabelecer um paralelo entre as idéias acima expostas e duas importantes matrizes filosóficas." (BARRETO, 2000).

2. DESENVOLVIMENTO

No presente trabalho, é preciso ser considerado que a análise feita sobre o caso será realizada através de um relato de apenas um dia, o que torna o acesso a informações anteriores impossível, não existe informações sobre os pais de Katharina, sobre sua criação até os catorze anos e como ela era antes do momento traumático. O relato será explorado da maneira mais detalhada possível, e será analisado pela óptica Reichiana. Porém, assumindo que, para Reich do ponto de vista da análise de caráter, a distinção entre neuroses crônicas (neuroses que existem desde a infância) e neuroses agudas (aquelas que surgiram mais tarde) não tem relevância alguma, pois o caráter neurótico, base de reação para a neurose sintomática, se forma, pelo menos em suas características principais, na época em que termina a fase do Complexo de Édipo (Reich, W., 2004) é possível compreender que ao realizar um exercício de análise de resistência e análise do caráter nesse relato, a análise mostrará o caráter de Katharina, independente de relatos anteriores, o que não quer dizer em hipótese alguma, que a

paciente em questão não tenha traços de outros caracteres presentes em seu funcionamento.

A neurose é o resultado do embate entre as exigências pulsionais recalçadas, notadamente as da primeira infância, e as forças do ego que as impede de eclodirem na consciência. O resultado desta luta resulta nos sintomas neuróticos ou traços de caráter neurótico. Essas forças são conhecidas no tratamento analítico como resistência à quebra do recalque, e, conseqüentemente ao tratamento da neurose.

BREVE RELATO DO CASO

Katharina era uma jovem de dezoito anos, que trabalhava em um tipo de hotel de sua tia nos alpes austríacos. Freud a descreve como uma moça grande e robusta, de semblante atormentado, que pediu para que fosse examinada por ele com a queixa de "doença nos nervos", que já havia se consultado, mas o remédio que estava tomando não estava adiantando.

Freud então começa a conversar com ela e pergunta quais são os sintomas que ela apresenta, e a moça começou a descrever crises episódicas que se iniciam com pressão nos olhos, cabeça pesada, um zunido insuportável no ouvido, tontura, a garganta fecha como se fosse sufocar, aperto no peito e falta de ar. Quando Freud pergunta se ela sente medo, Katharina diz que sente que vai morrer, e apesar de se considerar muito corajosa, nos dias em que tem essa crise, não tem coragem de sair do quarto. Ela relata também, que durante esses episódios, vê um rosto "pavoroso", que causa muito medo nela. Freud pergunta quando começou a sentir tudo isso, e ela diz que a primeira vez aconteceu há dois anos. E durante uma longa conversa, ela relata que dois anos antes flagrou o tio e uma prima tendo relações sexuais no quarto, que tudo estava muito escuro e não dava para enxergar muita coisa, mas imediatamente após ter visto isto, sentiu a pressão na cabeça, falta de ar os olhos fechavam com força e escutava o zunido muito forte, apesar de dizer que na hora, não compreendeu o que estava acontecendo naquele quarto, três dias após esse acontecimento, Katharina contou que sentiu vertigem e vomitou durante três dias seguidos, a tia, ao perceber sua mudança de comportamento, a pressionou até que contasse a verdade. Ao explorar um pouco mais o caso, Freud diz que ela começa a relatar tentativas anteriores de assédio por parte do tio com a própria

Katharina, que na época tinha apenas catorze anos. Em uma das tentativas, o tio chegou a deitar-se na cama dela, enquanto a mesma dormia, e ela, ao sentir parte do corpo dele tocar nela, levantou rapidamente e ficou em pé perto da porta até que o tio voltasse para sua própria cama. Após relatar tudo o que havia visto e passado com o tio, antes de flagrá-lo com a prima, Freud descreve que o rosto da jovem se revigora,

"Após terminar essas duas séries de histórias, ela se interrompe. Está como que transfigurada, o rosto casmurro e sofrido se revitalizou, seus olhos emitem frescor, está aliviada e radiante" Freud (2017, p 189).

Eles ainda discutem a origem do rosto pavoroso que ela vê durante as manifestações dos sintomas, e ela após a compreensão atribui ao rosto ao tio, após a separação com a esposa, que, enfurecido, quando a vê pelas montanhas, avança para cima dela ameaçando de pegá-la e culpando-a pela separação.

Apesar de já apresentado, por Freud, o "diagnóstico" da paciente em questão permearemos o caso a partir da técnica analítica de análise do caráter descrita por Reich, para que seja possível, de forma gradual, através da identificação das resistências chegar ao cerne da angústia protegida. O conceito de caráter e couraça caracterológica para Reich, foi baseado na noção psicanalítica de necessidades do ego em defender-se de forças instintuais recalcadas da primeira infância. O caráter na vida cotidiana e a resistência do caráter na terapia, estão a serviço da defesa: evitar o desconforto, e consequentemente manter o equilíbrio psíquico, mesmo esse sendo neurótico, atua também como um regulador da energia pulsional e das que escapam a repressão.

Considerando o relato completo do caso (ANEXO I) analisaremos em um primeiro momento, a forma como o autor descreve a paciente, pois para Reich mais importante do que o material que o paciente traz à terapia é a forma como este se comunica e o comportamento do mesmo. Freud supõe corretamente, que a paciente deve ser mais do que uma funcionária da estalagem onde trabalhava, devido a sua vestimenta e educação, também enxergou nela um semblante aborrecido e atormentado, um corpo de estrutura grande e robusta, e estimou que a mesma tivesse aproximadamente dezoito anos. Ao refletir sobre essa primeira imagem que Freud nos traz, podemos compreender que Katharina, apesar de ter uma boa educação e aparentemente fazer trabalhos domésticos, típico da criação para mulheres daquela

época, cuja conduta socialmente esperada era de mulheres dependentes, obedientes e frágeis, ela precisou desenvolver uma estrutura forte para poder existir no meio em que foi criada. Nada será feito com tal reflexão a princípio, é necessário analisar a queixa da paciente e compreender aqui suas resistências antes de utilizar tal ferramenta.

Ao ser indagada sobre qual era sua queixa, a paciente relata ter episódios de falta de ar, como se fosse sufocar, e ao ser encorajada a detalhar mais as sensações nesses episódios, ela conta que eles acontecem de repente, surgem acompanhados de uma pressão nos olhos, peso na cabeça, zunido nos ouvidos, tontura, aperto na garganta, no peito e falta de ar. Quando ele pergunta se ela sente medo de algo, a paciente se intitula muito corajosa normalmente, mas que quando tem essas sensações, ela tem muito medo de ser pega ou seguida por alguém, disse que sente que vai morrer, e nos momentos de crise, sempre vê um rosto pavoroso olhando para ela, o que causa muito medo. Quando questionada sobre a natureza deste rosto, a paciente diz nunca ter visto antes, nem compreender a origem de seus "ataques". Mas quando questionada se ela se lembrava quando haviam começado, ela relata ter sentido a primeira vez há dois anos atrás quando ainda viviam em uma outra montanha e tinham a estalagem lá, mas desde então, sempre volta a acontecer. (OLIVEIRA,2004)

No caso original, Freud resolve fazer uma intervenção e, com base em uma hipótese e suas experiências anteriores na clínica, sugere à garota que provavelmente ela teria de se lembrar de algum episódio naquela época que tenha visto ou ouvido algo que a incomodara. Mas Reich provavelmente não sugeriria nada, deixaria ainda que a paciente contasse o que causou a mudança de uma montanha para a outra, para que Katharina relatasse com suas próprias palavras o episódio chamado por Freud de, "cena da descoberta". Provavelmente seria um caminho mais longo, pois a paciente apresenta o fenômeno de conversão histérica. Reich mantém a visão de Freud sobre esse fenômeno, que é definido como um deslocamento do psíquico para o físico, o termo conversão foi usado pela primeira vez nos trabalhos de Sigmund Freud e Josef Breuer em 1894, para nominar um sintoma motor em substituição a uma ideia reprimida. (Neto & Marchetti, 2009).

No caso em questão Katharina ao contar que espiou pela janela e flagrou seu tio deitado sob sua prima Francisca, relata que sentiu a pressão nos olhos, a tontura e o

zunido no ouvido, mas que não havia compreendido o que eles faziam naquele quarto escuro, justificando a ignorância por sua idade. A paciente relata também que três dias após esse acontecimento ela sentiu os sintomas novamente e vomitou por três dias consecutivos. No decorrer da conversa com Freud, Katharina não demonstra compreender o que a fez vomitar, nem qualquer elaboração acerca do que viu acontecendo entre o tio e a prima. Algumas tentativas de Freud para incentivá-la a construir uma elaboração, levam a caminhos bloqueados por sua resistência. Ao fim da parte do relato em que contava sobre o que aconteceu entre o tio e a prima, que culmina no fato de ter contado para a tia o que havia visto o que levou a separação dos tios e a mudança da estalagem para outra montanha, Katharina começa a contar uma outra série de acontecimentos que ocorreram com ela, investidas sexuais por parte do tio anos antes deste acontecimento, mais precisamente, quando ela tinha apenas catorze anos, e conta também algumas histórias de quando começou a perceber que havia algo que lhe chamava atenção entre o tio e a prima Francisca. Na sua fala é possível perceber que ela não tem elaboração alguma que conecte os acontecimentos que ela relata com abusos sexuais. Segundo Reich, o caráter se constitui para se proteger de uma ansiedade criada pelo intenso sentimento sexual da criança e o conseqüente medo da punição. A primeira defesa contra esse medo é a repressão, que atua como bloqueio dos impulsos sexuais por algum tempo. Se esse fato se repete com frequência e de forma sistemática, essas defesas se transformam em couraças musculares, oriundas de forças defensivas repressoras estruturadas a partir do ego, e, quando o traço de caráter se forma a repressão se transforma em uma formação reativa rígida. (OLIVEIRA,2004)

Quando Katharina consegue encontrar em sua história a peça que encaixa para elaboração dos sintomas que estava apresentando há dois anos, Freud descreve que acontece um fenômeno de transfiguração na paciente, o rosto que era casmurro com semblante atormentado se revigora e o olhar se revitaliza. Segundo Reich, para dissolver a resistência e conseqüentemente tratar a neurose, o terapeuta deve trabalhar o sentimento recalçado, considerando para isso, a cena primária e os afetos a ela correspondentes, o objetivo da terapia é liberar emoções (raiva, prazer, ansiedade..) através da expressão corporal e o sucesso da terapia está na quebra dos blocos de couraças musculares que corrompem os sentimentos naturais e bloqueiam os sexuais. (REICH, 2004)

3. RESULTADOS

Ao pensar sobre a influência do corpo e do modo que o paciente se comporta para a técnica analítica de Reich, a autora pesquisou algumas imagens que ilustrassem, a partir de uma combinação de três fatores: a descrição da paciente, feita propriamente pelo terapeuta original, o pensamento funcional proposto pelo autor da teoria aplicada sobre a influência das couraças nos grupos musculares e na fisionomia do ser humano e a fantasia e criatividade da autora para dar ao trabalho uma fluidez e movimento de espontaneidade.

figura 1



figura 2



Nas duas primeiras figuras o intuito da autora foi demonstrar o semblante aborrecido mesclado com a beleza de uma jovem inocente, hospedeira de uma angústia que não tinha elaboração, deixando-a atormentada, com forte estase energética nos olhos, dotada de uma beleza proveniente do caráter histérico e a jovialidade de uma jovem de dezoito anos.

figura 3



figura4



Nas figuras três e quatro o intuito foi representar uma estrutura de corpo mais forte e volumoso, não ligado a sobrepeso mas sim à força e hipertonia muscular. Típico de uma jovem que precisou desenvolver certa força, mesmo que inconsciente, para poder suportar as tensões oriundas de uma sexualidade foi tão precocemente acessada e que causou tanta confusão psíquica.

psicologia - clínica e escola

4. CONCLUSÃO

É muito gratificante vencer a barreira da insegurança e do medo antes de dar vida à um trabalho que foi gestado por três anos. Ter acesso a uma teoria tão rica, que nos (des)envolve de nossas defesas, de nossas resistências é primeiramente um privilégio na vida pessoal, pois a consciência corporal que é adquirida é inexplicável, a compreensão acerca do não dito as vezes do mais escondido sentimento é resolvido através em um único movimento de abertura de diafragma, um vibrar de cordas vocais ou alguns minutos de concha nos ouvidos. Seguir uma teoria onde a preocupação começa com o ser individual, mas termina com a preocupação das diretrizes sociais e políticas de uma sociedade neurótica é poder estar segura de que não estamos a serviço

de um narcisismo disfarçado. A Psicoterapia Corporal é uma ferramenta de integração com o mundo psíquico e as diversas "saídas" biológicas e sociais que o corpo humano desenvolve para se defender do trauma e das angústias vividas na infância. E foi possível verificar a comunicação corpo-psiquê no estudo de caso acima. Deste trabalho podemos levar o aprendizado de que, o estado de presença do terapeuta é muito importante dentro do setting terapêutico, estar atento aos detalhes que o paciente traz é sine qua non para se realizar uma boa leitura.



5. REFERÊNCIAS

Barreto, A. V. de B. "Freud e Reich: duas matrizes". s/a disponível em: <http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/psicanalise/psique10.htm>

Freud, S. "Estudo sobre a histeria (1893-1895)" 1º ed - São Paulo: Companhia das Letras, 2016

Neto, J. G, Marchetti, R. L. " Histeria, somatização, conversão e dissociação, 2009. acessado em: http://www.medicinanet.com.br/conteudos/revisoes/2325/histeria_somatizacao_conversao_e_dissociacao.htm

Oliveira, M. H. P. S., "A influência da resistência no tratamento da neurose", 2004.

Reich, W. " Análise do caráter", 3º ed - São Paulo: Martins Fontes, 1998

psicologia - clínica e escola